

Josefa Águeda, uma heroína de Tejucupapo.

Mário V. Guimarães, médico.

Tejucupapo, conhecido distrito de Goiana, situado na rodovia que nos leva ao balneário de Ponta de Pedras, já tem o seu lugar honrado e garantido na história de Pernambuco e do Brasil, graças ao heróico comportamento dos seus habitantes. Notoriamente de suas mulheres, lideradas por Maria Quitéria, Maria Ana, Maria Camarão e Joaquina, no ano de 1646, num célebre episódio da expulsão dos holandeses, fato que tem merecidas comemorações.

Seria injusto, porém, não chamarmos a atenção para outra grande personagem feminina, também nascida em Tejucupapo, que por muito pouco não se tornou a primeira médica brasileira, na história da nossa Medicina. Mesmo assim, alguns pesquisadores a olham com essa idéia. Refiro-me a figura de Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira, filha do advogado Romualdo Alves de Oliveira, também injustiçado pela história goianense, nascido em Tejucupapo em 1825 e falecido no Rio de Janeiro em 1895, após brilhante desempenho profissional em Minas Gerais, no Rio e mesmo em Recife.

Para os dados vigentes na História da Medicina no Brasil, a nossa primeira médica consta ter sido a carioca Maria Augusta Generoso Estrela, nascida em 1861 e falecida em 1946 aos 86 anos. Formou-se em Nova York, no New York College and Hospital for Women (exclusivo para mulheres) em 1881, após concluir o curso e ter que esperar algum tempo até ter a idade permitida para receber o diploma, segundo a então legislação americana. Sucede, porém que tinha com ela, como colega e amiga a nossa Josefa Águeda, com quem mantinha um sólido relacionamento, inclusive editando ambas um jornal literário, distribuído inclusive em várias capitais brasileiras.

A ida de ambas para os Estados Unidos foi decorrente da nossa legislação a época, que não permitia as mulheres, freqüentarem curso superior. Enquanto a carioca teve a ajuda pessoal de D. Pedro II, a pernambucana teve a ajuda da Assembléia Legislativa. Após longos e temperamentais debates nos anos de 1878 e 1879, que insuflaram a opinião pública, e só em 1882, no governo do conselheiro José Liberato Barroso, foi liberada uma

verba de 1.200\$000 anuais para ela e outra jovem, Maria Amélia Florentino Cavalcanti, que veio a ser a primeira médica pernambucana. Josefa Águeda, que havia requerido o auxílio, era poliglota, falando fluentemente inglês, francês e espanhol além de versada em História e Geografia, tendo inclusive comparecido aos debates na Assembléia, apesar da pouca idade, declarando que “precisava do dinheiro para ser útil á sua província”. Um dos seus grandes defensores foi Tobias Barreto.

A amizade com Maria Augusta perdurou, pois consta que esta fez várias viagens ao nosso Estado posteriormente. Como já disse, para alguns historiadores, a goianense formou-se, mas lamentavelmente a sua vinda para o Nordeste causou o seu desaparecimento de cena, eclipsando-a. Paulo Cavalcanti no seu livro “Eça de Queiroz, agitador no Brasil”, faz uma bela apreciação desse episódio da nossa História e citando o historiador Alfredo de Carvalho, revela lamentavelmente na sua segunda edição, que a nossa quase heroína de Tejucupapo (e da Medicina brasileira) teria feito o curso médico em Nova York até o terceiro ano. A mesma teria voltado ao Brasil em 1882, por motivos de saúde, tendo se dedicado posteriormente ao magistério de línguas, trabalhos para-médicos e sócio-culturais até os seus últimos dias. A vida dela bem que merece mais pesquisas e homenagens.

Recife, janeiro/2010.